

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

26 de Dezembro de 2023

HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD

THE SCARFACE MOB / 1959
A Quadrilha do Cara Cortada
versão para as salas de cinema de
THE UNTOUCHABLES I and II / 1959

Um filme de Phil Karlson

Argumento: Paul Monash, baseado no livro de memórias “The Untouchables” (1957), de Elliott Ness, escrito com a colaboração de Oscar Farley / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco, formato 1x33): Charles Straumher / *Direção artística:* Ralph Berger e Frank T. Smith / *Música:* Wilbur Hatch / *Montagem:* Robert L. Swanson / *Som:* John A. Finlay e Keith Strafford (montagem), Can McCulloch (misturas) / *Interpretação:* Robert Stack (*Eliot Ness*), Barbara Nichols (*Brandy La France*), Neville Brand (*Al Capone*), Patricia Crowley (*Betty Anderson*), Bill Williams (*Martin Flaherty*), Joe Mantell (*George Ritchie*), Bruce Gordon (*Frank Nitti*), Peter Leeds (*Lamar Kane*). *Produção:* Desilu Productions / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 102 minutos / *Estreias mundiais:* Estados Unidos, 1 de Julho de 1962, para a versão destinada às salas de cinema; na televisão: 20 (primeira parte) e 27 de Abril de 1959, no canal ABC / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Eden), 28 de Agosto de 1961; inéditos para a versão televisiva / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O filme desta sessão é uma ilustração perfeita do diálogo entre o cinema propriamente dito e a televisão, que está na essência deste ciclo, composto por trabalhos para a televisão e para o cinema de diversos realizadores. No caso de Phil Karlson, além de um filme, **99 River Street**, poderemos ver este trabalho que funde literalmente cinema e televisão, pois emigrou de um suporte para o outro: dois episódios de uma série transformados numa longa-metragem. Em 1959, Phil Karlson realizou dois episódios de 51 minutos, **The Untouchables I and II**, que eram o piloto da série televisiva **The Untouchables**, que veio a ter muito êxito e foi exportada para diversos países, tendo sido produzida até 1963. A série aborda o trabalho do célebre investigador policial Eliot Ness na sua luta contra o crime organizado, mais particularmente Al Capone, durante a Proibição, mas apenas estes dois primeiros episódios concentram-se no trabalho que ele realmente fez, ao passo que, segundo os conhecedores, os numerosos episódios que se seguiram mostram Ness e os seus colaboradores quase como personagens de ficção. Ness lançou em 1957 as suas memórias, o que despoletou certamente o projeto de Karlson. Estes dois primeiros episódios foram difundidos na televisão em Abril de 1959 e a série arrancou. Phil Karlson fundiu os dois episódios-piloto numa longa-metragem “*sem costuras*”, como indicam os letreiros que precedem o genérico desta cópia. Em vez da experiência corriqueira de ver um filme na televisão, o espectador tem a experiência mais rara de ver televisão no cinema. Intitulado **The Scarface Mob**, o filme foi lançado nas salas americanas e teve alguma distribuição internacional. Foi, por exemplo, distribuído em quatro salas populares parisienses e em Lisboa foi apresentado no vasto cinema Eden, com o título de **A Quadrilha do Cara Cortada**. Se a data de estreia do filme nas salas americanas indicada no imdb e incluída na ficha técnica desta “folha” estiver correta, a distribuição nas salas portuguesas e francesas antecedeu em um ano a distribuição nas salas americanas. Embora a versão que vamos ver seja a que foi distribuída nos cinemas, a cópia mostra num preâmbulo, a título informativo, os genéricos dos dois episódios televisivos, que eram apresentados pelo célebre colunista de coscuvilhices Walter Winchell. A série deu uma nova visibilidade a Robert Stack, que fora

coprotagonista de duas obras-primas recentes de Douglas Sirk, embora ninguém as tenha considerado como tal à época (**The Tarnished Angels** e **Written on the Wind**).

Num breve artigo publicado em *Arts* e significativamente intitulado “O Esqueleto de um Filme”, Jean Douchet foi bastante duro: “*Phil Karlson é um daqueles bons fazedores de Hollywood, que fabrica em série mercadorias cosidas à máquina. Ninguém espera originalidade da sua parte. Mas podemos ter a certeza de que não vamos entediar-nos em demasia. (...) Trata-se, pela enésima vez, da luta contra Al Capone, mas o filme tem a originalidade de tornar-nos cúmplices da brigada especial que foi encarregue de encurralá-lo. (...) Não é possível fazer qualquer comparação com os bons filmes do género. Estamos nos antípodas de Scarface ou Party Girl (...), mas no género documentário romanceado The Scarface Mob é mais bem feito do que o Al Capone de Richard Wilson. Dirigidos sem brilho, os atores têm aquela perfeição gelada típica de Hollywood*”. Tanta severidade é sem dúvida excessiva e, do ponto de vista formal, um dos pontos de interesse do filme, que o grande crítico francês não tinha recuo para perceber, é a tentativa de fundir cinema e televisão (ainda que por razões comerciais e não estéticas), numa altura em que muitas séries televisivas ilustravam géneros cinematográficos clássicos, como o filme de gangster e o western, género por excelência dos grandes espaços, mas que teve êxito no pequeno ecrã (**Wichita Town** ou **Cheyenne**, por exemplo).

Os filmes de gangsters surgiram nos anos 20, ao mesmo tempo que o gangsterismo e a sua iconografia e mitologia foram codificadas no início do cinema sonoro e, por conseguinte, eram familiares ao espectador de 1959, como o são ao de hoje e a série de Phil Karlson ilustra-as e reforça-as. Um dos aspectos peculiares de **The Scarface Mob** é o uso da voz *off*, que é um importante elemento nos *filmes negros*, geralmente sob a forma de um monólogo interior recapitulativo (**Out of the Past**, por exemplo). Aqui a voz *off* de um narrador, não de um personagem, intervém longamente para situar a ação, explicar quem é quem e orientar o espectador quanto à sequência de acontecimentos. Dá informações objetivas, em vez fazer de comentários subjetivos e desaparece discretamente quando a ação está plenamente lançada, para só reaparecer no fim. Os cenários não são diminutos e francamente miseráveis, como em outros trabalhos televisivos apresentados neste ciclo (**The Barbara Stanwyck Show** ou **Tom and Jerry**, por exemplo) e têm muitas vezes a autêntica beleza dos cenários da série B, o que certamente ajuda o espectador a “entrar” no filme, deixar-se envolver pelo que vê e ouve. Quando necessário, os cenários são vastos, o que deixa supor que se trata de uma produção televisiva de série A. Embora não vá muito longe no uso do claro-escuro e evite ângulos insólitos, a fotografia nada tem da pálida chateza dos seriados de televisão mais modestos. Apesar da narrativa ser “*sem costuras*”, como anunciado, o espectador experiente pode detectar em que trechos eram inseridas as publicidades na versão puramente televisiva da história, que surgiam a cada vinte minutos, que é a duração de uma bobine de 35 mm, o que aproxima o cinema da televisão. E como numa legítima longa-metragem, Al Capone, o coprotagonista, só surge ao cabo de pouco menos de uma hora, o que faz todo o sentido numa longa-metragem e também corresponde certamente ao início do segundo episódio da série televisiva. A partir deste momento, quando começa o confronto entre Al Capone e Eliot Ness, o espectador pode entregar-se à narrativa e deixar de ver *como é* para ver *sem restrições* – ou seja, com prazer - o *que é*.

Antonio Rodrigues